

Memória,

com texto de
Serge Moscovici

Imaginário e

Representações

Sociais

MUSEU editora
DA REPÚBLICA

Copyright © Museu da República, 2005

Todos os direitos reservados

<i>Presidente da República</i>	Luis Inácio Lula da Silva
<i>Ministério da Cultura</i>	Gilberto Gil Moreira
<i>Presidente do IPHAN</i>	Antonio Augusto Arantes
<i>Diretor do Departamento de Museus</i>	José do Nascimento Júnior
<i>Diretor do Museu da República</i>	Ricardo Vieiralves de Castro
<i>Coordenação editorial</i>	Suzana Cardoso e Marcos Mesquita
<i>Revisão</i>	Alexandra Bertola
<i>Projeto gráfico, diagramação e capa</i>	Filipe Chagas e Anderson Leal

FICHA CATALOGRÁFICA

M533 Memória, imaginário e representações sociais. Coordenado por Celso Pereira de Sá. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

248p. il. (Coleção Memória Social)

1. Psicologia. I. Sá, Celso Pereira de. II. Série.

CDD-150

EDITORA MUSEU DA REPÚBLICA

Rua do Catete, 153 | Catete

CEP 22220 000 | Rio de Janeiro | RJ | Brasil

Tel.: 21 2558 6350 | Fax: 21 2285 0795

livraria@museudarepublica.org.br

Sumário

Apresentação <i>Celso Pereira de Sá</i>	7
Sobre a subjetividade social <i>Serge Moscovici</i>	11
As memórias da memória social <i>Celso Pereira de Sá</i>	63
Memória e a mídia: uma perspectiva sociológica <i>Paolo Jedlowski</i>	87
Representações sociais e memória social: vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria <i>José Francisco Valencia</i>	99
O impacto das imagens e do compartilhamento social das emoções na construção da memória social: uma chocante memória <i>flash</i> de massa do 11 de setembro até a guerra do Iraque <i>Annamaria Silvana de Rosa</i>	121
Foz-Côa: construção social de um lugar de memória <i>Jorge Correia Jesuino</i>	165

O impacto das imagens e a partilha social de emoções na construção da memória social: uma chocante memória *flash* de massa do 11 de setembro até a guerra do Iraque

Annamaria Silvana de Rosa¹

Tradução Valéria Rosito

Introdução: uma integração paradigmática

Este artigo se ocupa do papel das imagens e de seu impacto emocional na construção da memória social mediada pelos sistemas de comunicação de massa. Após considerações de natureza teórica, apresentarei alguns dos resultados obtidos de um programa de pesquisa sobre *O impacto das imagens evocadas e selecionadas e a partilha social das emoções na construção da memória social: do 11 de setembro até a Guerra do Iraque*², cuja coleta de dados foi realizada de outubro de 2001 a março de 2003. Os construtos examinados neste programa de pesquisa estavam voltados a um evento social extremamente complexo. Necessariamente, o programa de pesquisa teve de ser conduzido com um aparato metodológico igualmente complexo.

Suas dimensões inter-relacionadas consideradas podem ser representadas através da estrutura polinuclear em formato de rede, resultante da conexão dos vários núcleos conceituais (ver fig. 1). Combinados em relações triádicas ou múltiplas, esses núcleos criam triângulos ou poliedros possíveis, cuja *gestalt* se altera de acordo com os elos entre os núcleos, que entram em cena intermitentemente. Enquanto o quadro de conexões está representado pelos *sistemas comunicativos e de mídia*, nesta rede conceitual complexa, cujos núcleos centrais são *representações sociais e memória social*, as dimensões do construto examinado estão realçadas em negrito: *imagens* (tanto como ferramenta de pesquisa quanto objeto de investigação, nos múltiplos significados dos estímulos expostos, de cenários eidéticos mentalmente ativados e imagens socialmente escolhidas); *emoções* (individualmente evocadas e socialmente negociadas no impacto com as imagens); *sistemas de representação* (com relação ao evento específico do 11 de setembro e a *objetos*

culturais, presumivelmente inter-relacionados, tais como EUA, Europa, o Ocidente, o Mundo Islâmico, Guerra e Paz).

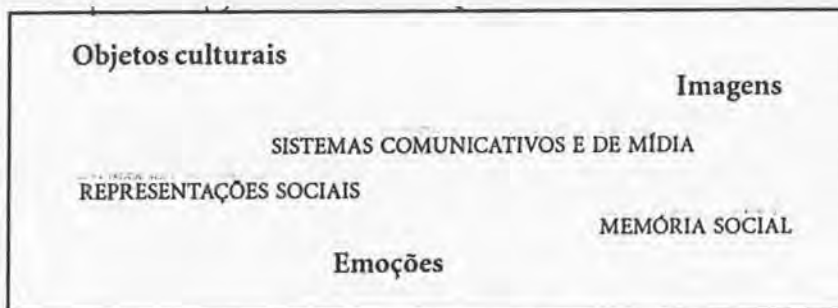


Figura 1 Rede conceitual multidimensional da construção da memória social mediada pelos sistemas de comunicação social

Estas dimensões, que correspondem a um número igual de construtos, são investigadas no plano de pesquisa relativo à *memória eidética* (individualmente elaboradas e socialmente partilhadas), referente à representação dos acontecimentos trágicos do 11 de setembro, objeto de *martelação* nos meios de comunicação de massa, com efeitos espetaculares sem precedentes em uma escala global — um tipo de *memória flash de massa*.

Imagens invisíveis na pesquisa psicológica sobre representações sociais e memória coletiva

Uma consideração preliminar mais geral baseia-se no que eu costumava propor cautelosamente como uma simples impressão: que a psicologia social parece ignorar quase que completamente o papel das imagens, a ponto de torná-las invisíveis na pesquisa do processo de construção e reconstrução da realidade social. Este descaso está refletido no uso infrequente de imagens, sejam elas estáticas (fotografias) ou dinâmicas (filmes) como ferramentas de pesquisa.

Isto se aplica não somente à pesquisa relativa a atitudes e representações sociais, mas também ao estudo de memória social, de massa e coletiva. Muitos autores usam seus termos de modo indiscriminado, quase que como sinônimos ou, alternativamente, como opções preferenciais, tal como a adoção do termo *social*

por Fentress e Wickam (1992) ou Sá (2000) comparado a *coletiva*, preferida por Jedlowski (2000). Outros autores, por exemplo, Jodelet (1992), e, mais recentemente, Viaud (2002), ainda que reconhecendo suas articulações, trabalham com distinções claras entre as várias denominações, de acordo com a especificidade de referências disciplinares (isto é, psicologia cognitiva e neuropsicologia, psicologia social, sociologia e antropologia), construtos em torno dos quais as tradições de pesquisa se desenvolveram.

Abstenho-me de repetir aqui argumentos sustentados alhures sobre os elos entre imagens e representações sociais, dimensões icônicas e simbólicas, que ainda carecem de investigação; tampouco ocupar-me-ei de reproduzir referências bibliográficas (ver De Rosa & Farr, 2001). Nem desejo deixar de mencionar os estudos (muito poucos, na verdade, considerando o vasto montante de literatura existente) inspirados na teoria das representações sociais, os quais abraçam o aspecto figurativo das representações inerentes em vários objetos¹.

Sustentando nosso ponto de vista acerca da necessidade de se dispensar mais atenção aos componentes figurativos de representações sociais e suas relações com a imagem, Seca (2001) recentemente afirmou que “a questão das *imagens* e, de forma mais geral, a questão da dimensão figurativa e não lingüística e o estudo dos elos entre comportamentos e representações parecem apontar caminhos para pesquisa, mesmo se várias contribuições provêem referências úteis”.

Não vou trilhar o mesmo caminho que me levou a descobrir as profundas amarras e convergências entre representações sociais, memória social e identidade social, realçadas em outros trabalhos (De Rosa & Mormino, 2000a e b, 2002). Aqui devemos alargar os horizontes para uma integração pluriparadigmática, que simultaneamente considere as dimensões conceituais (imagem, memória, representações sociais e sistemas de comunicação de massa) apresentadas na introdução à luz do que aprendemos até agora das tradições de pesquisa ainda separadas.

Em vez disso, voltarei minha atenção para o fato que, tradicionalmente, mesmo considerando o papel das imagens, a psicologia interessada na pesquisa sobre a memória como um processo básico e faculdade mental (como percepção, cognição, etc.) o faz tomando as imagens como um estímulo perceptivo puro ou como *imagem mental*. O que implica dizer, como cognição ou representação, em grande parte descontextualizada e dessocializada; um produto individual da atividade mental.

Na década de 70, Neisser (1978) dividiu águas nos círculos cognitivistas: trouxe o estudo da memória para o contexto da vida cotidiana e visou objetos salientes do ponto de vista social a partir de uma abordagem de pesquisa ecológica. No começo dos anos 80, percebe-se uma redescoberta da natureza e das funções sociais da memória social e coletiva, já postulada por Bartlett (1932) e Halbwachs (1925) e uma volta aos sistemas de mediação cultural baseados em *práticas interpretativas da comunidade* (Vygotsky, 1934/1992). Esta perspectiva revisitada, por um lado, encorajou pesquisadores a se interessarem por fatos/ações sociais como eventos-alvo. Por outro lado, transformou o estudo da memória e do esquecimento em formas de ação social, ao invés de propriedades mentais individuais (Middleton & Edwards, 1990).

Em qualquer caso, mesmo no reconhecimento dessa natureza culturalmente mediada pela memória, ligada ao caráter *semiótico* dos processos de pensamento, as imagens, que junto a outras linguagens constituem o material vivo da linguagem icônica e uma poderosa ferramenta semiótica, não parecem ter atraído muita atenção entre os pesquisadores. Não se incluem aqui nem aqueles inspirados por tradições cognitivistas renovadas nem aqueles inspirados por paradigmas socioconstrutivistas e *discursivistas*.

Memórias como *fotografias* da mente: o estatuto das imagens em memórias *flash*

Mesmo quando o papel da imagens parece ser levado em conta, como no paradigma de pesquisa chamado memória *flash* (*flashbulb memory*), na realidade isto se dá tomando as imagens por metáforas da fotografia ou por atributos seus. Ou seja, em seu caráter de *vivacidade* figurativa, como se, além do mais, cada imagem tivesse a nitidez de fotografias bem reveladas e não houvesse imagens ambíguas ou polisêmicas ou fotografias fora de foco. Em outras palavras, sempre como um corpo de informações, uma soma de detalhes, um acontecimento cênico original contra o qual se possa medir a nitidez *fotográfica*, a exatidão e persistência da memória e a incidência de mediação de fatores cognitivos e judicativos (conhecimento prévio, consequencialidade pessoal, relevância e saliência, novidade) e fatores emocionais/comunicativos (afeto e recitação explícita). Este é o caso, pois ainda por detrás da aparência de evocação figurativa, os planos de pesquisa também deduzem um conceito de memória quase matemático e métrico, reprodutivo em vez de simbólico.

É verdade que os estudos sobre memória *flash* têm o mérito de investigar os processos de memória em relação a grandes acontecimentos sociais, que têm um forte impacto sobre a coletividade e são prenhos do ponto de vista comunicativo e cenográfico-visual. Por exemplo:

atos criminosos contra figuras políticas: tal como o assassinato de John F. Kennedy no estudo seminal de Brown e Kulik (1977) e, mais recentemente, naquele de Winograd e Killinger (1983); o atentado contra a vida do presidente americano Ronald Reagan, no estudo feito por Pillemner (1984); o assassinato do premier sueco Olof Palme, na pesquisa de Christianson (1989);

ainda no campo dos acontecimentos políticos com um forte impacto sobre a opinião pública, a renúncia da primeira-ministra Margaret Thatcher no estudo de Conway (1995), a morte de figuras importantes da vida nacional, como a de Francisco Franco na pesquisa de Ruiz-Vargas (1993), a morte do rei Balduíno da Bélgica, acontecimento-alvo na pesquisa de Finkennauer *et al.* (1997, 1998), e, no estudo de Bellelli (1999), a renúncia do promotor da operação *Mãos limpas*, Antonio Di Pietro;

catástrofes naturais como o terremoto de São Francisco no estudo de Neisser, Winograd e Weldon (1991);

desastres tecnológicos/científicos tais como a explosão da Challenger, examinada nos estudos de Bohannon (1988), McCloskey, Wible e Cohen (1988), e Neisser e Harsch (1992) ou o desastre do reator nuclear de Chernobyl, usado, entre outros, como um acontecimento-alvo na pesquisa de Larsen (1992).

Como se pode depreender da lista dos estudos mais notáveis atribuíveis à corrente da Memória Relâmpago, muito embora os acontecimentos-alvo tenham uma forte valência na polarização de sentimentos e opiniões coletivas, para além do forte impacto da mídia e da comunicação, a tônica ainda recai sobre um modelo que parte de cognição-informação (associado a elementos eidéticos, especialmente como cenário contextual do fato/ação/acontecimento a ser lembrado) para obter um reconhecimento mnemônico. Isto permaneceu baseado em um modelo informativo e computacional (capacidade individual para codificação especial) no qual os fatores sociais são reduzidos ou a elementos contidos no acontecimento-alvo, ou ao contexto da recepção das notícias (inserção autobiográfica das notícias do acontecimento, objeto coletivo da memória) ou no contexto dos fatores de comunicação

através do mecanismo de recitação, o qual permite a elaboração das narrativas (relatórios FB⁴).

Pennebeker e Crow (2000), conhecidos pesquisadores americanos em memória coletiva, reconheceram isto: “em contraste marcante com as assunções sobre a memória coletiva, a maior parte da pesquisa de laboratório tradicional tentou entender a memória como um processo psicológico isolado, não-contextualizado”. Eles admitem, entretanto, que

aquela estratégia de pesquisa de laboratório gerou descobertas significativas em torno do que os indivíduos são capazes de lembrar e do que os indivíduos efetivamente lembram. Por exemplo, é mais provável que as memórias de acontecimentos, objetos ou fatos (memória episódica) sejam reevocadas se elas forem singulares, provocarem relações emocionais, forem ativamente reiteradas e conectadas a mudanças sucessivas de comportamentos ou crenças (Pennebeker & Crow, 2000, p. 114-5).

Mais especificamente, em relação a memórias *flash*:

a razão pela qual quando se trata de memórias fotográficas se mantém uma memória tão duradoura e nítida é que elas permitem aos indivíduos se inserirem no contexto histórico e, quando elas se referem às suas próprias fotografias pessoais e de outras pessoas, a se colocarem no acontecimento (Pennebeker & Crow, 2000, p. 114-5).

Um outro estudioso que sustenta a tese de uma atenção persistente a fatores de memorabilidade em vez da partilha social da memória é Bellelli (2000), que dedicou uma parte considerável de sua atividade científica à memória *flash*, mediando sua paixão para pesquisa básica com sua sensibilidade para a psicologia social:

Há acontecimentos que permanecem impressos em nossa memória de uma maneira inusualmente persistente e nítida. Estes são também acontecimentos sobre os quais frequentemente se fala a outras pessoas e sobre os quais somos interpelados a expressar emoções, julgamentos e a assumir posições. Na literatura, estas são geralmente chamadas de *memórias flash* (FBM⁵). Quase todos os numerosos estudos que foram feitos seguindo a trilha do conhecido estudo de Brown e Kulik (1977) se concentraram exclusivamente no primeiro aspecto, o da memorabilidade. O segundo aspecto, a partilha, foi realçado somente de forma secundária. Em nossa opinião,

isto orientou a maior parte destes estudos no sentido de lidar exclusivamente com processos de tipo individual na base de tais memórias e a ignorar aqueles que são do tipo social e inter-individual e, por conseguinte, a impedir a compreensão de como memórias individuais podem ser parte da memória coletiva, conforme Halbwachs, em estudo de 1950 (Bellelli, Curci & Leone, 2000, p. 291).

É evidente que um estudo sobre a memória, individual ou coletiva, que pretenda pôr a nu suas dimensões simbólicas, evocativas, comunicativas e sociais é impulsionado não tanto a descobrir quanto e quão exatamente é lembrado de um fato/ação/acometimento, mas o que é lembrado e como a memória é construída, socialmente reconstruída e comunicada. E isto em relação a quais interlocutores, quais sistemas de representação, quais filtros são empregados pelas visões ideológicas dos grupos sociais e dos sujeitos, qual papel é desempenhado pelas emoções liberadas ou evocadas pelo acontecimento em relação à rede de acontecimentos significativos na vida do sujeito, etc.

Mesmo com as limitações impostas às memórias, naquele sentido, o trabalho feito por Conway *et al.* (1994) acerca da renúncia da primeira-ministra Thatcher, por Finkenauer *et al.* (2000) acerca da morte do rei belga Balduino, e por Bellelli (1999) sobre a renúncia do promotor Di Pietro se destacam dentre os estudos inspirados pelo paradigma FBM, respectivamente por:

Conway *et al.* (1994) — desenvolvimento da variável conhecimento prévio, pela primeira vez teoricamente modelado via uso da análise das equações estruturais e considerado o fator crítico real capaz de influenciar as outras variáveis latentes, afeto, importância e recitação;

Finkenauer *et al.* (2000) — destaque do papel crucial das emoções, um resultado decisivo até em forma indireta, mas mediado via recitação explícita. Ou seja, o processo social que impulsiona as pessoas emocionalmente afetadas por um acontecimento a falarem sobre ele e a se exporem à cobertura da mídia “quanto mais um acontecimento provoca uma ativação emocional, mais ele é partilhado socialmente com outros e mais os indivíduos o acompanham na mídia” (p. 185);

Bellelli *et al.* (2000) — proposta de superação do modelo bifásico de memória, de acordo com o qual há uma primeira fase, mais passiva e de uma natureza essencialmente individual, na qual o evento é meramente registrado (quase fotografado) e

uma segunda fase, mais social e ativa, na qual os indivíduos são induzidos a elaborar seu significado. Para além dos outros elementos-chave do paradigma clássico desenvolvido pela literatura FBM, que sempre se refere a indivíduos, tais como surpresa, importância pessoal, envolvimento, avaliação do acontecimento, recitação, os autores propõem e validam um modelo no qual os elementos de disponibilidade social, medidos em comparação com outros, leitura de jornal, escuta de irradiação televisiva e reflexão pessoal, desempenhariam um papel relevante. O estudo da renúncia do promotor Di Pietro, um assunto que se tornou um acontecimento de mídia e polarizou a atenção de toda a população italiana de forma geral, confirma a hipótese que reintroduz interesse pelos componentes sociocomunicativos das notícias nos estudos das FBM. Verificou-se nele que a “repetição contínua dos aspectos factuais do acontecimento nos meios de comunicação de massa e em contextos de conversa não deixou de influenciar a memória até o nível de detalhes de natureza contextual e perceptiva (imagens, localização no tempo, etc.)” (Bellelli *et al.*, 2000, p. 210).

Abandonando o paradigma estrito das FBM, podemos nos aproveitar do que aprendemos para abrir uma perspectiva nova e mais ampla de estudos que, através de uma abordagem multiteórica, liga as tradições de pesquisa ainda muito separadas sobre memória coletiva e social com aquelas de representações sociais, partilha social de emoções e sistemas de comunicação como parte dos estudos de mídia. Na verdade, por um lado, a chamada dimensão do conhecimento prévio pode ser expandida na direção dos sistemas de representação sociais interrelacionados, pertinentes a objetos culturais inerentes como um quadro de referência para o tópico em questão. Ao endereçar a memória coletiva, isto é levado mais fortemente em consideração se, entre os especialistas no campo, há aqueles como Jedlowski (2000, p. 74), que sustenta que “a memória coletiva deve ser entendida como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado, especificamente produzidas e preservadas em relação ao ponto da vida de um determinado grupo social”. Por outro lado, o papel das emoções e de sua partilha certamente deveria ser estudado mais profundamente, não somente como integrantes e dimensões de representações sociais, mas também como fatores que entram em cena em fases cruciais de sua gênese, difusão e embutimento na memória coletiva e social. Nesta linha, seria interessante reintroduzir os conceitos de *themata*, desenvolvido

por Moscovici, e *hexis*, por Vignaux (1994) e Rouquette (1988, 1994) (De Rosa e Mormino, 2000, 2002).

Ainda, em relação à necessidade de integrar a tradição de estudos sobre a memória social, coletiva e, principalmente, de massa àquela das representações sociais e emoções e ao que aprendemos com os estudos de mídia, deve-se somente considerar que:

A memória dos meios de comunicação de massa reflete o valor de tecnologias e artefatos culturais em manter a necessidade por um espaço de informação comum, no qual se debatam e se resolvam local, temporal e diatextualmente questões de atribuição de sentido. [...] Em qualquer caso, a questão de memória/esquecimento de notícias não acaba no desempenho individual, mas pode ser estendida à prática coletiva visível no modo pelo qual os textos noticiosos já programam um processo específico de memória/esquecimento. O caráter essencialmente social da cognição é estabelecido exatamente como textos que modelam certos tipos de função de interação e práticas sociais (em nosso caso, as notícias) (Minnini, 2000, p. 260).

Acreditamos ser central para reavaliação dos elos entre estas áreas de pesquisa uma investigação que inclui referência aos aspectos visuais e icônicos assim como à representação e memória, como processo e produto socialmente mediado.

Sobre o legado dos debates filosóficos entre os *artistas da memória* acerca dos componentes imaginativos da representação

A distinção, na realidade, é muito mais arcaica do que a pesquisa psicológica sobre a memória. Como foi apontado por pesquisadores na arte da memória, de Yates (1966) a Rossi (1983), data, por um lado, a distinção entre a tradição aristotélica, que marcou o conceito *psicofisiológico* da memória e, por outro lado, o conceito gnóstico-hermético de inspiração platônica. Aristóteles e a tradição racionalista e psicofisiológica sustentam que a memória implica a persistência no tempo de uma realidade intacta e contínua e que a reminiscência permite a recuperação de algo que foi possuído e esquecido. Platão e os defensores da tradição gnóstica-hermética (com Giordano Bruno entre seus defensores mais passionais) sustentam que a cognição era um caminho para recuperar conhecimento perdido juntamente com a sabedoria divina, obscurecida pelo esqueci-

mento. No segundo sentido, compreendido mais como reminiscência (*anamnesis*) do que como *mnene*, a memória podia, em conseqüência, ser configurada seja como uma arte que faria com que o conhecimento perdido reaparecesse ou seja como um meio de encontrar correspondências entre a mente e o universo, entre micro e macrocosmos.

À luz dos objetivos que propusemos, devemos nos perguntar que papel, se algum houver, as imagens desempenham nestes dois diferentes conceitos e tradições da mente, da memória e do conhecimento, papel este que representa um fio comum na história do pensamento. Poderíamos reconhecer suas novas formas em várias abordagens da psicologia cognitiva contemporânea e paradigmas orientadores da pesquisa psicobiológica, por um lado e, por outro, nas mais diversas hermenêuticas contemporâneas, desde a psicanálise e a psicologia analítica jungiana até os paradigmas holísticos da neuropsicologia e psicofisiologia.

O estudo da tradição da *arte da memória* nos refamiliariza com as amargas controvérsias entre aqueles como Pietro da Ravenna e Giordano Bruno, que atribuem primazia a imagens e emoções, assim como um papel funcional preciso para a memória, realçando as habilidades analógicas, associativas e evocativas do pensamento, e aqueles como Piero Ramo, Raimondo Lullo e Giulio Camillo, que propuseram uma arte da memória da variedade lógica, voltada a uma lógica classificatória do tipo enciclopédico e na qual as imagens não exerceriam qualquer função evocativa. Elas devem somente ser usadas como gavetas para o arquivamento sistemático e regulamentado de informação.

Como nos ensina a pesquisa mais avançada no campo da neuropsicobiologia, na realidade, as teorias classificatória e de localização da memória cognitiva coexistem com teorias holísticas, em favor de memórias/imagens difundidas ou organizadas na área da globalidade de estrutura nervosa (Oliverio, 1994, p. 77).

Imagem, lembrança/esquecimento e os novos cenários na comunicação de massa

Como fator de universalização de comunicação de massa assim como de sua aceleração, em um breve artigo sobre a *revolução icônica*, que parece nunca ter sido citado por ele próprio ou outros e encontrado quase que por acaso na biblioteca MSH, Moscovici (1983) revela uma eficácia estilística e conceitual sem par para um artigo de natureza popular. Após ter aludido aos diferentes papéis desempenhados pela imagem, de acordo com os quais ela é declinada mais como imaginação (e, em decorrência, subserviente

ao poder da mente altamente imaginativo), ou melhor, como uma reprodução simplificada e ilusória da realidade, ele escreve:

Se quisermos compreender o retorno explosivo das imagens na comunicação, devemos partir de dois dados primários. Primeiro: Os homens sempre preferiram imagens a outros signos. Material de ilusão, elas contêm a energia necessária para a mágica e o desejo pela imortalidade. Segundo: O tempo exigido para *exibir* é mais incisivo e breve do que o tempo exigido para *demonstrar*. A imagem está em completa oposição à palavra. Entretanto, é verdade que após a era da produtividade maquinal e a da ciência e das artes, veio a era da produção de signo. A fórmula é bem conhecida: comunicar mais coisas, mais rapidamente para o maior número de pessoas [...] A imagem não se recolhe para dentro de si mesma; ela se irradia rumo a busca por um olho aberto. Os gregos já sabiam disso. Este poder de irradiar congrega as massas, criando a impressão confusa, mas irresistível de comunicação e de uma ordem, em uma escala global — a eficácia da imagem é realmente a de permitir as pessoas habitarem a Torre de Babel, a despeito da barbaridade das línguas e da cultura (Moscovici, 1983, p. 569).

Com a aceleração nas formas de comunicação de massa, em uma sociedade que atribui primazia factual ao código visual, em detrimento, por exemplo, do código escrito e do registro de leitura com seu tempo de reflexão, a pesquisa sobre a memória, de uma perspectiva da psicologia social, não pode evitar confrontar o problema de como operacionalizar o papel das imagens na construção e na partilha social da memória e do esquecimento de fatos e acontecimentos públicos.

Análises diferenciais do papel das imagens que são estáticas ou dinâmicas, fotográficas ou cinematográficas, em preto-e-branco ou em cores, apresentadas isoladamente ou em interação com textos (neste caso, de uma natureza estática ou interativa como em comunicação por multimeios via internet), inseridas em contextos de comunicação populares ou científicos, em informação do tipo televisivo, em entretenimento ou publicidade, etc., estas ainda estão abertas à pesquisa direcionada a investigar a construção das representações e os processos de memória/esquecimento de *acontecimentos* mediados por ferramentas de comunicação de massa.

Acontecimentos são sociais não somente porque eles dizem respeito à vida da coletividade, mas também porque eles são socialmente elaborados através da orques-

tração mais ou menos polifônica não somente de textos, mas também de imagens transmitidas por muitos canais de mídia (imprensa, televisão, internet, cinematografia, etc.) e, por conseguinte, sugerem uma partilha social (mútua) possível. A partilha da mídia não constitui em si uma condição suficiente para que as memórias de acontecimentos, transmitidos simultaneamente a muitos milhares de pessoas, se enraízem na memória coletiva.

Ao realçar a necessidade de se distinguir a memória *coletiva* da memória da sociedade, ou melhor, da acumulação *social* dos vestígios disponíveis à apropriação coletiva por parte de indivíduos ou grupos, vale sublinhar que:

(...) no mundo contemporâneo, as possibilidades de fixação e as técnicas de preservação de vestígios produzem uma enorme expansão da memória social. Entretanto, ao mesmo tempo, a relativa homologação e extensão das comunicações de massa geram a formação de memórias comuns de amplo espectro, mas internamente tão fragmentárias e casuais como as lembranças das quais Périclides falou. Compreendida como uma coleção de representações do passado produzidas, conservadas e transmitidas dentro dos grupos sociais, a memória coletiva se presta à análise de acordo com modelos derivados do estudo da comunicação (Jedlowski, 2000, p. 74-5).

O aspecto comunicativo entra em cena não somente em relação à natureza das ferramentas envolvidas na transmissão das notícias (notícias relatadas ao invés de eventos pessoalmente experimentados, de acordo com a distinção feita por Larsen em 1988), mas também em relação aos contextos da recepção, uso e elaboração das notícias *com e em relação a* outros interlocutores sociais. Estes não são necessariamente indivíduos fisicamente presentes, mas também referentes sociais da memória comunicada e evocada; em outras palavras, para repetir a fórmula inspirada em Halbwachs (1925, 1950), no que diz respeito aos *quadros sociais da memória*.

É certamente graças a Jodelet (1992) que os pesquisadores vêm renovando seu interesse no estudo empírico das dimensões sociais da memória e na exploração das articulações existentes entre memória, pensamento e identidades sociais, em referência a fenômenos específicos. Isto foi alcançado graças ao emprego de vários programas de pesquisa articulados coordenados pelo Laboratório de Psicologia Social da EHESS, em Paris, mas também graças à ampla colaboração internacional. Dentre as diferentes áreas de pesquisa encontram-se:

A dinâmica da memória social em relação ao papel desempenhado por seu registro e revitalização na apropriação de e identificação com o espaço urbano (Jodelet, 1982); A tarefa de reconstrução da memória, esquecimento e investimento no passado na comemoração do 5º centenário de 1492 foi assunto de um estudo internacional e interdisciplinar realizado por um grande grupo de pesquisadores na Europa e na América Latina;

A formação de um novo tipo de memória, *memória de massa*, cujas formas e escopo são analisados a partir de certos julgamentos políticos, tais como o de Klaus Barbie.

Neste último trabalho em particular, Denise Jodelet dispensa atenção especial às novas formas de memória mediadas por comunicações de massa, não somente como artefatos tecnológicos, mas também pela cultura da mídia, que alimenta e é alimentada por estas novas formas:

Esta digressão expressa a idéia que da mesma forma que não é possível lidar com a representação *em geral*, não é possível progredir na análise da memória social e coletiva se ela for considerada de uma maneira unitária ou *geral*. A diferenciação das memórias requer especificação: os agentes e os veículos, os vetores e os suportes, conteúdo e forma, contextos de produção e memória, os processos em funcionamento na reconstrução e revitalização do passado e o efeito causado por vestígios e sofrido por estes vestígios. É necessário fazer um inventário desses vestígios no nível material e ideal, examinando os processos de ativação em proporção à dinâmica psicológica e social. A diferenciação das memórias também nos permite ver como a memória individual pode ser influenciada socialmente; como a memória coletiva, aquela dos grupos *na* sociedade, e a memória social, aquela *da* sociedade, se desenvolvem e se perdem. Por permitirem o *armazenamento da ordem social*, os tipos de memória provêm o quadro de referência e as ferramentas da atividade mnemônica ou o conteúdo da *memória pública* (Douglas, 1989, p. 61). Finalmente, novos tipos de memória passam a ser considerados: obviamente o tipo produzido por práticas comunicativas, mas também aquela que é produto da evolução social e tecnológica no mundo contemporâneo, caracterizada pela intensificação do papel desempenhado pela mídia e ferramentas de informação e de comunicação assim como pela globalização e pela circulação de fenômenos coletivos. Assim emergem novas formas de memória: *memória histórica*, tal como as diferentes comemorações

em que o público é convidado a tomar parte e *memória de massa*, a qual transcende os grupos e os une. Em proporção à uniformidade social e à influência de novos meios de comunicação, Halbwachs percebeu a existência de tal tipo de memória. Hoje ela pode ser analisada como um fenômeno específico à luz do conhecimento provido pela psicologia das massas, conforme Moscovici (1981) e Canetti (1966). (Jodelet, 1992).

Apresentado com elegância ilustrativa e sofisticação conceitual, o substancial estudo transdisciplinar que Denise provê como introdução ao evento de mídia envolvendo o julgamento do chefe da Gestapo em Lyon, Klaus Barbie (Lyon, maio-junho 1987), estimula particularmente a reflexão a respeito dos elos entre memória, emoções e aparato visual e comunicativo.

Neste trabalho, Jodelet não explora extensivamente as ligações entre memória, emoção e representações sociais e suas referências ao trabalho de Moscovici apontam principalmente na direção de sua contribuição à psicologia das massas (Moscovici, 1981) mais do que daquela feita às representações sociais (Moscovici, 1961/1976). Entretanto, ela não deixou de sublinhar certas homologias funcionais partilhadas pelas duas tradições de pesquisa que se desenvolveram em torno dos construtos da memória coletiva e das representações sociais, ainda que somente em virtude de uma trilha ascendente à fonte comum de inspiração encontrada no trabalho de Durkheim, feita por Halbwachs, assim como por Moscovici.

Não se pode deixar de se espantar com a homologia entre este conceito do funcionamento da memória e aquele proposto pela teoria das representações sociais na explicação do funcionamento do pensamento social. A construção cognitiva da realidade usada pelos sujeitos sociais expressa a identidade e a defesa do grupo ao qual eles pertencem. Na digressão que esboçamos, realçaram-se certas convergências e complementaridades que caracterizam tradições de pesquisa muito diferentes. É possível encontrar em seu seio elementos para formular as linhas de uma teoria psicológica de memória, destacando a simultaneidade na elaboração e perpetuação de visões do mundo, da memória e da atividade cognitiva (Jodelet, 1992, p. 245).

O papel da emoções e das imagens na construção social de memórias (que Denise Jodelet tende a distinguir com extrema clareza como individual, social, coletiva e de

massa, em relação aos campos conceitual e disciplinar de elaboração do construto) retorna à contribuição trazida pela psicologia das massas ao destacar o elo entre memória e uma maneira não racional de pensamento na qual paixões, interesses, desejos, imaginação e crenças entram em cena.

Ao recordar o papel ativo do conhecimento atribuído à memória por Halbwachs (1925, 1950) e Bartlett (1932), dois dos maiores teóricos de memória, Jodelet enfatiza que a memória depende de uma função altamente imaginativa e que o pensamento é rico em idéias abstratas entrelaçadas a imagens concretas que se referem à vida, tradição e história do grupo: “em um nível individual e social, eles isolaram certas propriedades da memória e do pensamento que são consoantes àquelas postuladas por psicólogos das massas, insistindo na interação entre memória, conhecimento, imagem e investimento emocional. Existe um tipo de continuum entre os vários níveis”.

Em seu trabalho, Jodelet parte das reflexões de Moscovici (1981) sobre *L'age des foules* e sobre o papel que a memória desempenha lá como um recurso (“uma vez que o passado é um substrato do qual se tiram idéias e imagens que vinculam a língua”). Desloca-se, em seguida, de um cenário de psicologia da memória, no qual a emoção, onde considerada, entra em campo no máximo como um fator cognitivo de ligação e um encorajamento para sua repetição em conversas, para um cenário de psicossociologia das massas contemporâneas levantado pelo sistema de mídia.

Emoções e imagens aqui cumprem seu papel na medida em que o automatismo predomina em formas de pensamento de massa, referência ao poder de sugestão das palavras, às idéias vivas que apaixonam e tornam-se ativas, às idéias/imagens que contêm uma ‘carga de evocação na mesma medida em que uma bomba contém a carga explosiva’, ao uso da linguagem que enriquece as idéias do momento com as emoções de um outro momento, transferindo relações antigas para situações novas (Moscovici, 1981, p. 140).

Prosseguindo nessa referência, ela enfatiza que na sociedade contemporânea estas características são reforçadas pelas ferramentas de comunicação de massa que foram criadas, antes e acima de tudo, para atingir e influenciar as massas e, por conseguinte, para produzi-las em massa. No decurso de uma geração, partimos de uma cultura da palavra para uma cultura figurativa imagética poderosa. Da mesma

forma que a imprensa proveu as bases para o pensamento crítico, em um período de tempo relativamente breve, o rádio e a televisão conferiram poder e base técnica inimagináveis para o pensamento automático. As ferramentas de comunicação de massa tornaram-no um dos fatores da história (Moscovici, 1981, p. 144).

De acordo com a evidência dispensada por Platão em Fedro, se Sócrates atribuiu à escrita (um meio substituto para o sistema de comunicação oral) um poder destrutivo sobre a memória, a qual tradicionalmente tinha sido confiada a elaborações discursivas e dialogais, sem dúvida, a reflexão sobre o papel da mídia como “ferramentas úteis tanto à memória quanto ao esquecimento social” (Minnini, 2000, p. 259) é tão antiga quanto a organização dos sistemas de comunicação.

Ao sinalizar para a necessidade de chamar a atenção de estudiosos da memória coletiva para aquelas mediadas pelos sistemas de comunicação de massa, Jodelet revelou o lado sentimental e moral do papel da mídia em relação à memória/esquecimento de acontecimentos coletivos, por vezes os espetacularizando emocionalmente e, de qualquer forma, empurrando-os para uma pauta de imperativos éticos da época. Talvez em decorrência deste mecanismo que alimenta conflito/confronto de opiniões sociais, o julgamento Klaus Barbie, que ela analisou, não deixou de incitar controvérsia sobre o papel orquestrado pela “confusão sentimental” e a *lógica do coração* e sobre a mudança-chave de acontecimentos do *domínio da história para a esfera do entretenimento*. Resolveu-se o conflito entre o dever de memória e a dor do testemunho, abrindo espaço deliberadamente para a linguagem das emoções.

Uma das peculiaridades de nossa época é que, devido à sua escala, as catástrofes produzidas pelo espírito e pela mão do homem, sem dúvida, tornam-se *catástrofes de massa*. Estas catástrofes carregam consigo um novo tipo de solidariedade internacional, induzem uma forma global de defesa da humanidade e, ao mesmo tempo, alteram as modalidades de funcionamento democrático e político (Jodelet, 1992).

Se no caso de acontecimentos históricos passados, tais como os crimes do nazismo, a memória coletiva foi usada como meio de vitalizar e fortalecer a consciência e solidariedade de massa, de acordo com os processos que criam uma memória de massa, temos de nos perguntar: o que acontece na fase embrionária de constituição de uma memória social quando um acontecimento de proporções de uma *catástrofe de massa*

ocorre não somente no período contemporâneo moderno mas, graças à cobertura global das ferramentas atuais de comunicação de massa, é experimentado ao vivo?

Em decorrência, ocorre aqui um problema de relação entre o tempo, a necessidade de constituir uma memória coletiva e o papel desempenhado pelas ferramentas de comunicação de massa, as quais, hoje em dia, tendem a reorganizar a dimensão tempo/espaço entre atores e usuários do acontecimento.

A distinção entre notícias relatadas e acontecimentos pessoalmente experimentados, e, de certos modos até entre os profissionais de comunicação e as pessoas comuns, está mudando nos novos cenários de comunicação criados por novas tecnologias. Certas realidades, visíveis a todos, evidenciam isto, como por exemplo:

A redução dos limites entre atores e contextos de eventos e os repórteres, como mediadores profissionais das notícias. Isto é verdadeiro até em situações muito turbulentas, como no caso da guerra recente do Iraque, no caso de jornalistas em veículos blindados que, portando *laptops* sem fio e superleves, conseguiram relatar a guerra ao vivo;

A ampla difusão de videocâmeras entre pessoas de todas as formações, idades e profissões. Vídeos amadores frequentemente se tornam fuos de reportagem e são vistos pelo mundo todo antes da chegada dos fotojornalistas em cena;

Começando como uma ferramenta de comunicação, a internet rapidamente se tornou um meio de mobilizar ações sob sua coordenação (por exemplo, no caso do Movimento Global Zero);

Graças a telefones celulares, com maior frequência recebemos relatos ao vivo de lugares do cotidiano que foram transformados em cenários catastróficos, como os telefonemas dramáticos das vítimas encurraladas nas Torres Gêmeas em chamadas antes de seu colapso. Estamos cientes do que significa — do ponto de vista de construir uma memória coletiva do evento através da dinâmica de lembrança/esquecimento — o debate que apareceu por dias seguidos na primeira página de jornais (*Le Figaro*, de 31 de agosto de 2003) sobre a decisão crítica de dar voz às vítimas como testemunhos, tornando pública a transcrição de suas últimas conversas; tal debate reativou o conflito entre aqueles que reclamam o dever moral da história de exigir testemunhos (lembrança) e aqueles que pediam o direito das emoções ao silêncio (esquecimento).

Tudo isso tem um forte impacto na modificação dos cenários de comunicação em relação aos quadros sociais da memória. Temos de nos perguntar, por exemplo,

quanto esses novos cenários de comunicação modificam o que aprendemos das pesquisas conduzidas em cima da reevocação de notícias/eventos que 20, 30, 40 anos atrás foram comunicados de modos e formas profundamente diferentes. Incluindo a influência do aparato tecnológico em rede, o contexto/cenário comunicativo pertinente ao acontecimento-alvo deveria, com todo direito, ser incluído nos estudos de memória social a fim de calibrar a validade dos dados adquiridos em relação ao tempo histórico e avanços tecnológicos. Por exemplo, na literatura acerca de novas mídias, está se espalhando uma corrente de estudos interessada nos fenômenos de memória e esquecimento ligados à internet (De Carli, 1997).

Esta calibração de validade se distingue até no caso de estudos muito interessantes como os de Pennebaker, que teve a singularidade de investigar com curiosidade através de vários caminhos, até mesmo os não ortodoxos no contexto de pesquisa norte-americano. Por exemplo, ele começou a estudar os ciclos de criação de monumentos, filmes e livros relativos a acontecimentos nacionais do passado. Descobriu que as pessoas tendem a refletir sobre o passado (olhar para trás) e a comemorá-lo em ciclos de 20 a 30 anos. Este lapso de tempo parece necessário para as gerações que experimentaram o acontecimento em um período crítico de suas vidas, entre as idades de 12 e 25 anos. Além de definir as condições psicológicas que projetam o indivíduo rumo a seu futuro, esta faixa etária representa o repositório potencial mais rico de memórias coletivas. Segundo uma das hipóteses de Pennebaker (hipótese dos recursos geracionais), este lapso geracional é condição necessária para os usuários jovens de acontecimentos, os quais são objeto de memória distinta, adquirirem os meios, força e maturidade necessários para criarem ferramentas para comemorar e popularizar o acontecimento (monumentos, filmes, livros, etc.). Ao longo das hipóteses do período crítico e dos recursos geracionais, Pennebaker considerou o papel desempenhado pelo tempo na remoção gradual da dor ligada à reevocação dos eventos negativos e à distância psicológica necessária. Uma vez mais, deveria ser dada atenção ao papel dos sistemas de comunicação de massa, como sistemas culturais organizados para produzir, não somente reproduzir, notícias e acontecimentos, em modular tal distância.

Hoje nossas comunicações têm a enorme vantagem das tecnologias que podem transmitir instantaneamente notícias para praticamente o mundo inteiro. Isto

deveria facilitar o processo de discussão necessário para criar um consenso geral acerca da memória coletiva. Ao contrário, estão-se conseguindo criar obstáculos para a criação de mitos, uma vez que o conhecimento dos fatos é mais espalhado e, conseqüentemente, mais difícil de enfeitar. Paradoxalmente, a ubiquidade da comunicação de massa eletrônica diária pode impedir que as memórias coletivas de hoje atinjam proporções míticas no futuro. É possível que certos mitos antigos tenham sido formados porque era impossível se chegar aos fatos. Todo o conhecido era o que se passava de geração a geração (Pennebaker & Crow, 2000, p. 133-134).

A resposta a perguntas deste tipo está fora do escopo de nosso projeto de pesquisa e atinge problemas ligados não somente à psicologia social e estudos da memória coletiva, mas também à indústria cultural em sua totalidade como sistema que cria ou destrói mitos.

Os sociólogos que trabalham com a memória social sabem bem que

as tecnologias de comunicação constituem uma condição necessária para a passagem a determinados estágios de abstração semântica, mas certamente não uma condição suficiente. O tema da memória requer atenção adicional dispensada à mídia com uma análise das estruturas das sociedades que estão sob consideração (Esposito, 2001, p. 21).

De acordo com a teoria de Luhmann (1995), os meios de comunicação de massa constituem um sistema que representa o substituto da retórica para controlar ou orientar as construções que guiam a comunicação. Sua função consiste na criação de uma *segunda realidade* partilhada por todos os atores da comunicação, reconstruindo objetos de conversa possíveis neste universo referencial comum (notícias diárias, personagens de filmes ou de séries de TV, comerciais, etc.). Conseqüentemente, é restabelecida a continuidade na comunicação, interrompida pelos meios assimétricos e geralmente não interativos como a imprensa, a televisão, filmes e rádio, uma condição que possibilita a fala e compreensão mútua e preenche o papel que a retórica antiga conferia como referência comum ao aparato dos *loci*.

No momento em que se seleciona um acontecimento sobre o qual se pretende estudar a elaboração da memória social (talvez destinada a se tornar coletiva), a maior

parte dos pesquisadores recomenda verificar se há certas condições essenciais, tais como se:

os acontecimentos representam ou produzem mudanças significativas de longo prazo sobre as vidas dos indivíduos;

uma partilha social dos acontecimentos é gerada na conversa, discussão e narração e pode ter, além disso, um propósito adaptativo e elaborativo na assimilação/ancoragem do acontecimento ao sistema de memória e de esquecimento dos indivíduos e grupos sociais;

acontecimentos particularmente geradores de emoção podem ser inscritos em um tipo paradoxal de dinâmica comunicativa (esquecer - nunca esquecer) que infla o espaço da mídia e, ao mesmo tempo, gera uma motivação de exclusão no espaço de conversa pública. Isto leva à indução da ruminação interior através de pensamentos não expressos e sonhos.

Uma chocante memória *flash* de massa

Dentre acontecimentos contemporâneos, parece-nos que o ataque terrorista do 11 de setembro satisfaz as condições de permanência na memória coletiva da humanidade como uma chocante memória *flash* de massa.

Acontecimentos históricos e catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, de proporções apocalípticas, não são desconhecidas no pano de fundo de uma civilização que sempre assumiu a aparência de barbárie. Entretanto, a espetacularização pela mídia do drama do 11 de setembro (buscada tanto por seus idealizadores em sua maquinação deliberada, quanto em sua reiterada representação pela mídia) conferiu ao acontecimento trágico uma posição-chave na constelação de acontecimentos momentosos, que marcaram um *antes e depois* na história da humanidade (Chomsky, 2001).

Não somente os meios de comunicação de massa, como a TV e a mídia impressa, mas também o teatro, o cinema e a literatura adotaram o evento como um tipo de espetáculo dentro do espetáculo, como por exemplo o *Requiem for Ground Zero*, de Steven Berkoff, *The Guys*, de Anne Nelson, e também *Jumpers*, *Project 9/11* e *Tina C*, para mencionar alguns dos programas exibidos no *International and Fringe Festival*, em Edimburgo, em agosto de 2002. Houve também o filme intitulado *September 11*, que apareceu exatamente em 11 de setembro de 2002.

A relevância do assunto pode ser reconhecida por alguns de seus aspectos típicos:

Singularidade do acontecimento (pelo menos em ser o *primeiro*). “O mundo nunca mais vai ser o mesmo” (Chomsky, 2001). O terror, um cenário de guerra sem edição e momento histórico (como pano de fundo coletivo para ações individuais) repentinamente irrompe na vida cotidiana de todas as pessoas;

Efeito surpresa gerando descontinuidade (Luhman, 1995). Muito embora fosse um plano humano de longa data, comparado às catástrofes naturais costumeiras, foi um acontecimento inesperado e imprevisível e, por conseguinte, representa um estudo especial de caso em descontinuidade e efeito surpresa. O efeito foi tão extraordinário a ponto de ser localizado na fronteira entre a ficção e a realidade;

Efeito em escala global em todas as dimensões sociais (política, econômica, militar, psicológica, etc.);

Envolvimento global de todas as dimensões psicológica (percepção, atitudes, sistemas de representação, planos de ação, comunicação, memória);

Ancoragem do acontecimento em universos culturais muito contrastantes. Embora o evento tenha sido espetacularizado pela mídia em uma escala global, foi transmitido e ancorado em universos culturais ideológicos locais muito contrastantes. O mundo foi dividido em duas partes do sistema de representação: Pró-Contra EUA, Pró-Contra Ocidente, Pró-Contra Islã, Pró-Contra Guerra-Paz, Pró-Contra Terrorismo, etc.

Conduzido com a assistência de duas doutorandas-estagiárias de pesquisa, Sara Bigazzi e Elena Bocci, e um amplo grupo de alunos de graduação, este estudo se ocupou do papel das imagens na construção da memória social através de filtros de emoções e sistemas de representação *vis-à-vis objetos culturais*, direta ou indiretamente implícitos nas avaliações dos eventos e de suas conseqüências.

Individualmente e em grupos focais, cerca de 522⁶ sujeitos foram envolvidos na administração de uma série de ferramentas e técnicas, lidando com dimensões e construtos distintos, de acordo com o plano de pesquisa multimetodológico.

À luz dos assuntos teóricos aqui discutidos, todas as dimensões devem ser mencionadas. Devido, porém, aos limites deste trabalho, será necessário apresentar somente uma seleção representativa dos resultados, relativa ao impacto das imagens nos seguintes níveis:

as imagens divulgadas pela mídia, via análise proveniente dos meios de comunicação de massa: análise semiótica da estrutura narrativa dos dossiês fotográficos mais relevantes, programas de TV e sítios da internet dedicados ao 11 de setembro;

as imagens mentais para lembrar/esquecer evocadas por sujeitos individuais, via questionário de memória *flash* (FBM)⁷, investigando também as rotas de comunicação da socialização das notícias;

imagens socialmente escolhidas no nível de grupo, via linguagem fotográfica em grupos focais⁸, usando o livreto *Per non dimenticare* [Para não esquecer], publicado em 10 de outubro de 2001 para a revista *Panorama* a fim de identificar:

as imagens mais selecionadas e que causaram a impressão mais forte em um primeiro momento sobre os indivíduos e sobre o grupo via negociação das escolhas;

as imagens julgadas mais representativas dos acontecimentos pelo grupo como um todo, via negociação de suas escolhas (visando tanto à seleção quanto à rejeição).

A fim de comparar ao longo do tempo uma série de seis coletas de dados, cruzamos dois procedimentos. Usamos resultados obtidos via *linguagem fotográfica*, relativos às emoções negociadas em grupo em resposta às imagens escolhidas do dossiê fotográfico especial da *Panorama* e levamos em conta os números diferentes de sujeitos em cada grupo e o espectro de 5 opções de imagem em ordem de importância. Calculamos então os percentuais das emoções negociadas do grupo de uma lista reduzida a 31 emoções de maior frequência dentre uma lista plena de 227 emoções associadas, usando a fórmula:

$$\frac{\text{Frequências absolutas de emoções} \times 100}{\text{Número total de imagens}}$$

Número total de imagens

Onde número total de imagens = número dos grupos focais x número de imagens escolhidas por grupo.

Os resultados escolhidos para este trabalho realçam o papel das emoções na elaboração individual de imagens a serem lembradas ou esquecidas e em negociação social via técnica de linguagem fotográfica em grupos focais. O período em questão foi de outubro de 2001 a março de 2003; cinco semanas após o ataque ao World Trade Center até o dia da invasão do Iraque.

37 grupos focais (303 sujeitos italianos de Roma)

I	II	III	IV
19 outubro 2001 (5 semanas mais tarde)	11 setembro 2002 (1 ano mais tarde)	11 dezembro 2002 (15 meses mais tarde)	20 março 2003 (18 meses mais tarde e 1 dia depois do ataque ao Iraque)
19 grupos focais (164 sujeitos)	2 grupos focais (10 sujeitos)	11 grupos focais (97 sujeitos)	5 grupos focais (32 sujeitos)

20 grupos focais (130 sujeitos de Belgrado e Sarajevo)

abril 2002 (7 meses mais tarde)	fevereiro 2003 (17 meses mais tarde)
11 grupos focais (78 sujeitos)	9 grupos focais (52 sujeitos)

Figura 2 Séries temporais para coleta dos dados via linguagem fotográfica em 57 grupos focais (433 sujeitos)

Na mesma veia do catálogo da exposição no *Palazzo delle Esposizioni* em Roma, a análise da estrutura narrativa da seqüência das imagens publicadas no dossiê fotográfico *Per non dimenticare* pela revista *Panorama* — constituído de um catálogo das imagens de maior circulação pela mídia (TV, imprensa, sítios da internet, exposição de fotos) — permitiu-nos agrupar 78 imagens publicadas em 14 categorias. Isto incluiu um número variável de fotos uniformes quanto ao assunto e conteúdo cênico e nos permitiu identificar as fotos-chave representativas da série. As fotos foram etiquetadas para serem catalogadas e identificadas com precisão pelo número da página (122 páginas no total) da seguinte maneira:

(Fotos nas páginas seguintes)

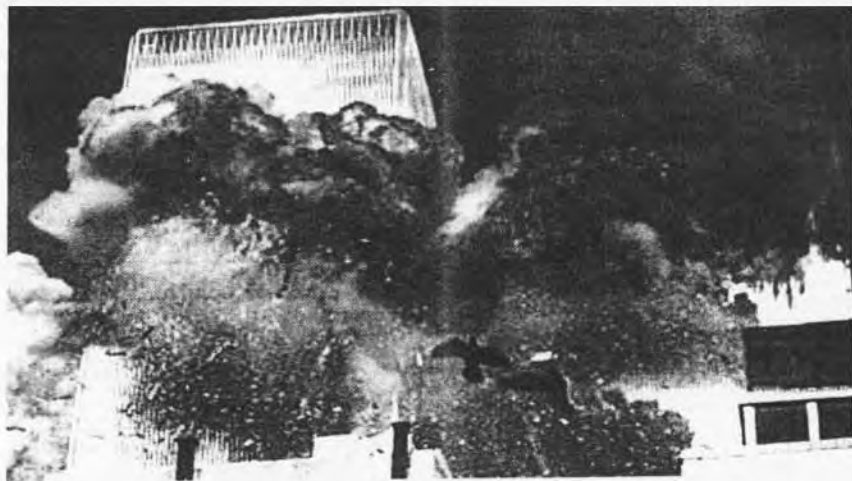


Foto 1 Choque dos aviões-bomba e torre em chamas (12 fotos, páginas 1-15)

Foto Jeff Christensen/Reuters/Olympia

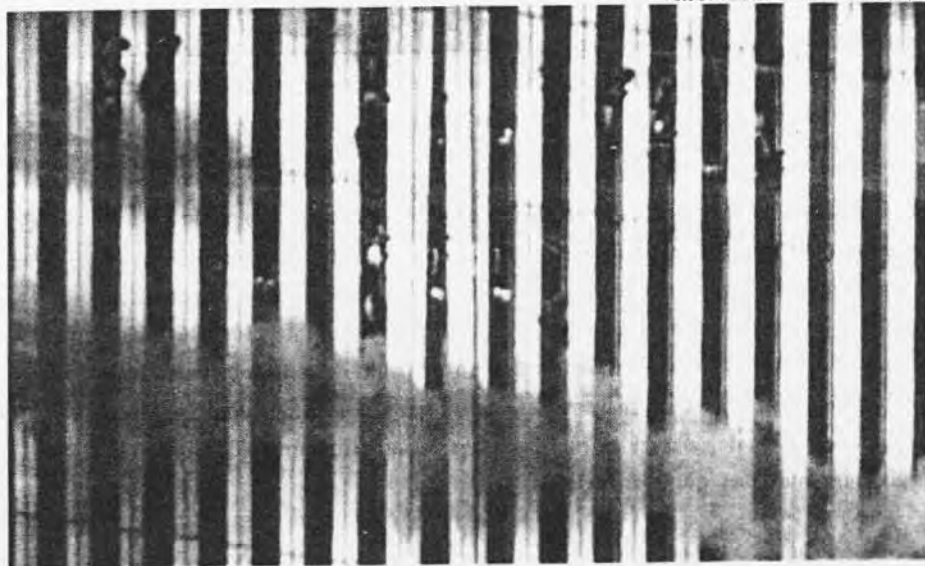


Foto 2 Pessoas desesperadas presas nas torres e pessoas saltando das torres
(3 fotos, páginas 16-19)

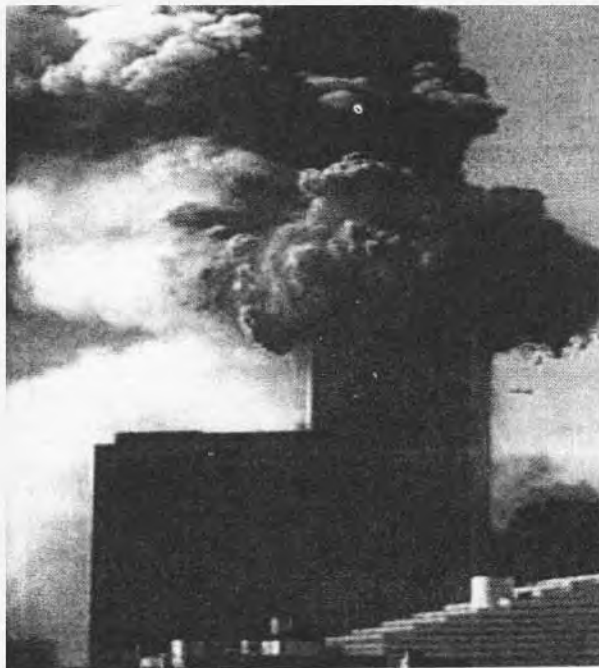


Foto 3 Torres ruindo
(3 fotos, páginas 20-23)

Foto S. Plunkett/AP



Foto 4 Pessoas fugindo
nas ruas de Manhattan
(15 fotos, páginas 24-43)



Foto 5 Para além de Nova York: o Pentágono (3 fotos, páginas 44-49)

Foto Archie Carpenter/Gamma/Contra:

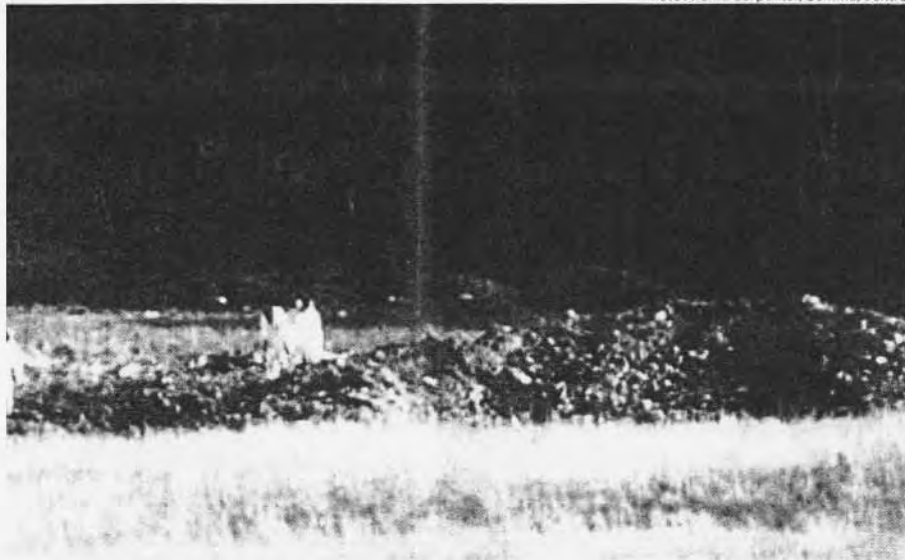


Foto 6 Para além de Nova York: Pennsylvania (1 foto, páginas 50-51)

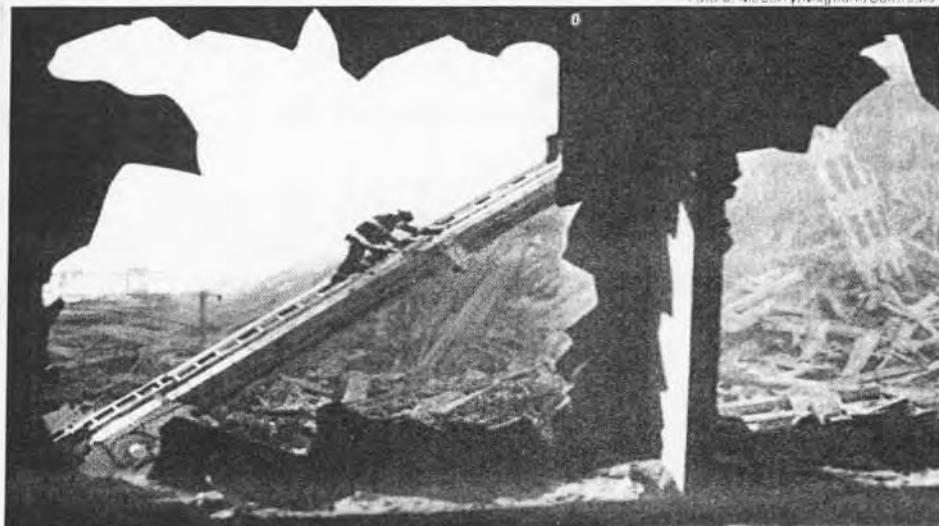


Foto 7 Trabalho de resgate sem faces humanas (3 fotos, páginas 52-57)



Foto 8 Assistência aos feridos (6 fotos, páginas 58-67)

Foto S. McCurry/Magnum/Contrasto



Foto 9 Escombros (10 fotos, páginas 68-85)

Foto Reuters/Olympia; Doug Mills/Ag



Foto 10 Líderes políticos (3 fotos, páginas 86-91)

Foto C. Hondros/Getty/Image/La Presse



Foto 11 Lamento (7 fotos, páginas 92-105)

Foto A. Webb/Magnum/Contrasto; Vasquez Pal/Gamma/Contrasto



Foto 12 Amargura (3 fotos, páginas 106-111)



Foto 13 Estátua da
Liberdade (3 fotos,
páginas 112-115)



Foto 14 Resposta? (3 fotos, páginas 116-122)

Comparamos a estrutura narrativa identificada no dossiê fotográfico com a estrutura narrativa que emergiu das cinco memórias individualmente evocadas em ordem de importância, usando o questionário de memória *flash* e a técnica da linguagem fotográfica em grupos focais feitos cinco semanas após o acontecimento. Dos resultados obtidos emergiu o seguinte:

Em ambas as estruturas há uma seqüência linear relacionada a uma rede temporal, onde todas as ações se seguem como um efeito de uma causa-ação (choque dos aviões, desespero das pessoas presas nas torres, pessoas saltando, torres ruindo, pessoas fugindo, etc.), refletindo a dinâmica do acontecimento e sua videoespetacularização na mídia acerca das imagens escolhidas via técnicas diferentes.

Ordem	Questionário		Linguagem fotográfica por grupos focais					
	Imagem		Italianos		Sarajevo		Belgrado	
	Lembra-da	Para esquecer	Representativa	Escolhida	Representati	Escolhida	Representativa	Escolhida
I	Choque dos aviões	Pessoas saltando das torres	Choque dos aviões	Pessoas presas nas torres	Pessoas presas nas torres	Pessoas presas / Mulher em vermelho	Pessoas presas nas torres	Mulher em vermelho
II	Torres ruindo	Torres ruindo	Pessoas presas nas torres	Choque dos aviões	Mulher em vermelho	Pessoas saltando / Pessoas fugindo	Mulher em vermelho	Pessoas presas nas torres
III	Pessoas saltando das torres	Conjunto (várias)	Mulher em vermelho	Pessoas saltando das torres	Conjunto (várias)	Choque dos aviões	Assistência aos feridos	Lamento
IV	Pessoas presas nas torres	Choque dos aviões	Escom-bros	Mulher em vermelho	Líderes políticos	Líderes políticos	Torres em chamas	Líderes políticos / Torres em chamas
V	Pessoas fugindo nas ruas	Pessoas presas nas torres	Lamento	Escom-bros	Respos-ta?	Lamento	Lamento / Assistência aos feridos	Amar-gura

Figura 3 Comparação entre as imagens lembradas/para esquecer/escolhidas, em ordem decrescente (de mais para menos), via diferentes técnicas

Quando se analisam as justificativas dos sujeitos para suas escolhas, entre outros argumentos, é a singularidade do acontecimento e a impossibilidade de ancorá-lo em experiências pregressas (exceto pela realidade virtual do jogo guerra nas estrelas) que parece dominar. Isto confere às imagens tornadas reais pela mídia o papel de objetivadoras de um acontecimento extraordinário ainda percebido como situado entre ficção e realidade e revela o caráter de memória *flash* de massa deste acontecimento mediado através de imagens provenientes dos sistemas de comunicações de massa.

Escolha de imagens	Rejeição de imagens
Representatividade	Pouca representatividade
Carga emocional	Pequena / muito grande carga emocional
Empatia	Ausência de identificação com elementos ideológicos e políticos - Patriotismo americano - Não compartilhar do júbilo Talibã
Poder atrativo de contraste - Esperança / Apocalipse - Destruição / Vontade de recomeçar - Real / Surreal - Medo / Solidariedade	
Comunicação	Comunicação
Rede narrativa - Seqüência do evento trágico	Redundância / Mídia

Figura 4 Comparação entre as imagens lembradas/para esquecer/escolhidas, em ordem decrescente (de mais para menos), via diferentes técnicas

Além disso, comparando os resultados obtidos com as duas técnicas (questionário FBM e linguagem fotográfica em grupos focais), há uma forte concentração nas mesmas poucas imagens e sua seqüência temporal na lembrança das cinco imagens mentais mais impressionantes, evocadas em ordem de importância (na ausência de quaisquer fotos exibidas) e na escolha das 5 imagens avaliadas como as mais representativas do acontecimento (na presença do suporte figurativo do dossiê fotográfico, incluindo as 78 fotos mais usadas na mídia). (ver Figura 3)

Entretanto, na mesma ocasião da coleta de dados (outubro de 2001), quando se solicitou aos sujeitos que escolhessem 5 imagens para esquecer (via questionário FBM), e as mais impressionantes (via linguagem fotográfica em grupos focais), a seqüência narrativa linear, que emergiu como a primeira das cinco imagens lembradas (via questionário FBM) e foi avaliada como a mais representativa (via linguagem fotográfica em grupos focais), desaparece (ver Figura 3).

Neste caso, o primeiro lugar na seqüência não está atribuído ao *choque dos aviões*, que desvelou emoções primárias e subjetivas como medo, raiva, alarme, angústia, descrença, terror, horror. Em lugar do *choque dos aviões*, são citadas imagens das vítimas (pessoas presas nas torres, saltando ou mulher em vermelho), que evocavam emoções emergentes da identificação com eles ou com a situação, tais como desespero

angústia, coragem, loucura, terror, tristeza, desesperança, despertados pela foto *peessoas desesperadas presas nas torres e pessoas saltando das torres* e solidariedade, horror, dor, esperança, compaixão, terror, sofrimento, evocadas pela foto *mulher em vermelho*.

Obtivemos confirmação de que as emoções desempenham um papel de filtro selecionador para as imagens mentais *para lembrar versus para esquecer* e para as fotos-imagens escolhidas como *mais representativas do acontecimento versus mais impressionantes*. Isto foi provido pelas emoções que os sujeitos associaram livremente às suas escolhas, e pelos argumentos e justificativas para:

Empatia com as pessoas saltando das torres, desesperadamente, tentando escapar, colocou a imagem dos saltos em primeiro lugar dentre as *imagens para esquecer*.

Empatia com uma vítima, coberta de sangue em uma cadeira de rodas, colocou a imagem da mulher em vermelho em primeiro lugar dentre as imagens escolhidas como *mais impressionantes emocionalmente* via linguagem fotográfica em grupos focais.

O resultado é particularmente interessante porque confirma o papel das emoções tanto na construção seletiva da memória (como uma imagem mental nítida individualmente evocada) quanto na negociação social da escolha da imagem mais impressionante (uma foto escolhida via linguagem fotográfica em grupos focais).

Dentro dos limites da validade de nossa amostra, que veio de Roma, Belgrado e Sarajevo, registrou-se um tipo de consistência transcultural, ainda mais evidente na coleta de dados com os sujeitos de Belgrado e Sarajevo. Na verdade, seu reconhecimento de sofrimento extremo e identificação com as vítimas conferiu prioridade às suas escolhas das fotos como os saltos ou a mulher em vermelho, desde a primeira semana de trabalho, sobre aquela do choque do avião (que provavelmente os fazia lembrar do horror da guerra recente em seu próprio país e das chamadas bombas inteligentes dos aviões militares americanos). Empatia com as pessoas aprisionadas tem valor e significado transcultural, devido ao seu caráter inequívoco e não ideológico, como uma emoção que exige identificação com uma condição extrema: vítimas são consideradas seres humanos, acima de serem americanos, até mesmo para os sujeitos da antiga Iugoslávia. Esta empatia supranacional com seres humanos obscureceu parcialmente suas posições ideológicas, ligadas à sua história recente de conflitos inter-étnicos, em seus prós ou contras em relação aos americanos. Tais posições apareceram claramente durante as sessões de linguagem fotográfica, devido à seleção de muitas outras fotos,

por sujeitos de Belgrado e Sarajevo, as quais tinham conotações políticas: Bush com seu pai, Bush com bombeiros, Clinton, os Talibãs e os símbolos dos EUA (a bandeira, a Estátua da Liberdade).

Agora, o que acontece quando tentamos — através de uma série de linguagem fotográfica — reconstruir nos grupos focais o que ocorreu no impacto emocional com o acontecimento traumático representado através das imagens e sua mudança com o decurso de tempo? Neste caso, a coleta de dados se estendeu por um período de 18 meses e observou as relações entre as imagens e as dimensões sociais das emoções desenvolvidas na memória (então). Elas foram subsequentemente reevocadas 5 semanas, 7 meses, 1 ano, 15, 17 e 18 meses após o traumático acontecimento de mídia do ataque das Torres Gêmeas nos Estados Unidos e no dia seguinte ao da invasão do Iraque pela coalizão anglo-americana-australiana.

Comparando as tendências relativas às duas imagens de mais alta eleição dentre os 57 grupos focais de outubro de 2001 a março de 2003, ocorre que as imagens das *pessoas saltando* e da *mulher em vermelho* (ambas relativas às vítimas) tiveram aumento significativo ao longo do tempo, diminuindo a força da imagem relativa ao ataque (choque dos aviões contra as torres). Isto significa que a emoção relacionada às vítimas levou a uma mudança da memória descritiva do evento e de seu primeiro ato a um plano secundário.

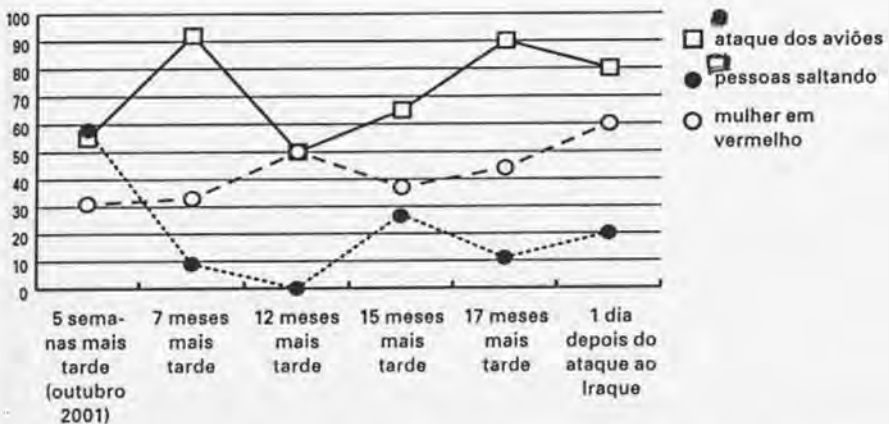


Figura 5 Tendência relativa às três imagens mais escolhidas por 57 grupos focais ao longo da série temporal de outubro de 2001 a março de 2003

É também interessante notar que estes resultados confirmam o mesmo papel seletivo das emoções no impacto com as mesmas imagens desde o começo da coleta de dados em outubro de 2001, quando *peessoas saltando e mulher em vermelho* foram as imagens mentais mais evocadas *para serem esquecidas*. Isto significa que o processo de esquecimento (mais do que o de lembrança através das imagens mentais, livremente associadas) denota um tipo de antecipação da carga emocional mais forte relativa às imagens traumáticas.

Há uma tendência crescente para se resselecionar a imagem mostrando o *choque dos aviões contra as torres*, fazendo-a somente corresponder a datas especiais de rememoração do acontecimento, especialmente um ano depois, mas também levemente ao dia seguinte ao da invasão do Iraque, quando houve uma ativação renovada das mesmas imagens prototípicas na mídia. Esta foto é um tipo de memória *flash* prototípica do acontecimento, a mais difundida nas capas de livros dedicados ao 11 de setembro e a imagem mais popular tanto na mídia convencional quanto na nova mídia.

— As imagens dos acontecimentos exibidas eram sempre as mesmas, como era o mesmo o ambiente de administração da linguagem fotográfica nos grupos focais. As emoções evocadas, entretanto, seguem padrões diferentes e aparentemente incoerentes. Esta multiplicidade encontrada nos padrões emocionais e também sua aparente incoerência sugerem que uma certa reação em cadeia de acontecimentos que se seguiram aos ataques terroristas do 11 de setembro (em particular, a guerra no Afeganistão e a invasão do Iraque) tenham contribuído para recontextualizar a memória social⁹,¹⁰ assim como a partilha social das emoções acerca do 11 de setembro.

Observando os resultados provenientes de várias técnicas de acesso ao impacto emocional evocado pelas imagens exibidas ou imagens mentais, encontramos uma profunda ambivalência em: (1) o campo de representação relacionado ao acontecimento (desesperança-esperança, medo-coragem, impotência-solidariedade); (2) a construção mnemônica relativa (esquecer - nunca esquecer, realidade-ficção); (3) a justificativa usada pelos sujeitos pertinente ao critério socialmente negociado para a escolha/rejeição das imagens (forte impacto emocional - impacto emocional forte ou fraco demais).

Por um lado, podemos interpretar a ambivalência profundamente arraigada relativa ao impacto emocional com as imagens exibidas e o sistema construtivo de memória icônica do acontecimento, estendendo o conceito de polifasia cognitiva àque-

le de polifasia emocional, como peculiar ao fenômeno aninhado das representações sociais. Por outro lado, acreditamos que tanto a ambivalência profunda no campo de representação ativado pelo impacto com as imagens exibidas em cada sessão de linguagem fotográfica, quanto os padrões aparentemente incoerentes ao longo do tempo dependem da coexistência de níveis referenciais múltiplos. Estes implicam não só a complexidade dos atores sociais envolvidos nas cenas do acontecimento apresentadas nas imagens exibidas como alvos emocionais em potencial (vítimas, agentes de resgate, líderes políticos americanos, o Talibã, civis de diferentes raças, idades, etc.), mas também os sistemas de representação aninhados, relativos a outros objetos culturais que orientam e modelam emocionalmente diferentes tonalidades no espaço semântico.

Conclusões

Espero que, com esta primeira visão de alguma das dimensões consideradas, eu tenha conseguido mostrar:

Primeiro, quão mais rico pode ser olhar para o componente icônico dos sistemas de representação (seja na presença ou na ausência de imagens exibidas) juntamente com o papel de seu impacto emocional e o conjunto de representações ideológicas pertinentes a outros objetos culturais na construção da memória social de um acontecimento traumático. Em particular quando o acontecimento (como no caso do 11 de setembro) tenha sido transmitido pela mídia como um tipo de chocante memória *flash* de massa.

Em segundo lugar, a importância de se considerarem as implicações metodológicas ligadas à coleta de dados, mostrando as semelhanças e as diferenças nos padrões emocionais que emergiram via administração individual do questionário de memória *flash* e via arranjo de linguagem fotográfica em grupos focais para evocar emoções socialmente negociadas em grupo.

Em terceiro lugar, o papel transversal da dimensão temporal em remodelar o impacto emocional com imagens exibidas e imagens mentais, construindo a memória social do acontecimento.

Em quarto lugar, o interesse potencial em buscar explicações decorrentes de um conjunto de padrões aparentemente incoerentes, quando não tentamos minimizar a complexidade do fenômeno social em questão em um enquadramento 2 x 2.

Referências

- Bartlett, F. C. (1932). *Remembering*. Oxford, England: University Press.
- Bellelli, G. (1999). *Ricordo di un giudice: uno studio sulle flasbulb memories*. Napoli: Liguori.
- Bellelli, G., Bakhurst, D. & Rosa Rivero, A. (2000). *Tracce: studi sulla memoria collettiva*. Napoli: Liguori.
- Bellelli, G., Curci, A. & Leone, G. (2000). Le flasbulb memories come ricordi collettivi. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 191-223). Napoli: Liguori.
- Bohannon, J.N. (1988). Flashbulb memories for the Space Shuttle disaster: a tale of two theories. *Cognition*, 29: 179-196.
- Brown, R. & Kulik, J. (1977). Flashbulb memories. *Cognition*, 5, 73-99.
- Canetti, E. (1966). *Masse et puissance*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Christianson, S.A. (1989). Flashbulb memories, special but not so special. *Memory and Cognition*, 5, 81-108.
- Chomsky, N. (2001). *11 Settembre: le ragioni di chi?* Milano: Marco Tropea Editore.
- Colgrove, F.W. (1899). Individual memories. *American Journal of Psychology*, 10, 228-255.
- Conway, M.A., Anderson, S.J., Larsen, S.F., Donnelly, C.M. et al. (1994). The formation of Flashbulb memories. *Memory & Cognition*, 22(3): 326-343.
- Conway, M.A. (1995). *Flashbulb memories*, Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- De Carli L. (1997). *Internet: memoria e oblio*. Torino: Boringhieri.
- De Rosa, A.S. (2001). The king is naked. Critical advertisement and fashion: the Benetton Phenomenon. In K. Deaux & G. Philogene (Eds), *Representations of the social* (p. 48-82). Blackwell: Oxford.
- De Rosa, A.S. (2002, June). *Social memory and emotional impact towards traumatic collective events: the 11th September 2001*. Symposium organised at the 13th General Meeting of the E.A.E.S.P., San Sebastian, Spain.
- De Rosa, A.S. (2002, September). *Thinking Societies: common sense and communication: unique key events in the generalised, traditional and new media*. Symposium organised at 6th International Conference on Social Representations, Stirling, Scotland.
- De Rosa, A.S. (2002, October). *Remembering, forgetting: Iconic representations, emotional impact and construction of the social memory about September 11, 2001*. Séminaire du Laboratoire de Psychologie Sociale de l'EHESS, Paris, France.
- De Rosa, A.S. (2002). The "associative network": a technique for detecting structure, contents,

polarity and stereotyping indexes of the semantic fields. *European Review of Applied Psychology*, 52 (3-4), 181-200.

- De Rosa, A.S. (2003). Le "réseau d'associations": une technique pour détecter la structure, les contenus, les indices de polarité, de neutralité et de stéréotypie du champ sémantique liés aux Représentations Sociales. In J.C. ABRIC (Ed), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (p. 81-117). Paris: Editions Erès.
- De Rosa, A.S. (2003, September). *The impact of evoked and exposed images on the construction of the social memory and social sharing of emotions about the traumatic events of September 11 in a time frame of data collection that lasted 18 months*. 3rd International Workshop and 1st Brazilian Conference on Social Representations, Rio de Janeiro, Brazil.
- De Rosa, A.S. (2004, June). *A shocking mass flashbulb: collective remembering, collective emotions and shared representations of the traumatic 9/11 from September 11 to the Iraq war*. EAESP Small group meeting on "Collective remembering, collective emotions and shared representations of history: Functions and dynamics", Aix-en-Provence, France.
- De Rosa, A.S. & Farr, R. (2001). Icon and symbol: two sides of the coin in the investigation of social representations. In F. Buschini & N. Kalampalikis (Eds.), *Penser la vie, le social, la nature: mélanges en hommage à Serge Moscovici* (p. 237-256). Paris: Les Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- De Rosa, A.S. & Mormino C. (2000). Memoria social, identidad nacional y representaciones sociales: son constructos convergentes? Un estudio sobre la Union Europea y sus Estados miembros con una mirada hacia el pasado. In A. Rosa Rivero, G. Bellelli, & D. Bakhurst (Eds.), *Memoria colectiva e identidad nacional* (p. 451-475). Madrid: Biblioteca Nueva.
- De Rosa, A.S. & Mormino C. (2000). Memoria sociale, identità nazionale e rappresentazioni sociali: con strutturi convergenti. Guardando all'Unione Europea e i suoi stati membri con uno sguardo verso il passato. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 329-356). Napoli: Liguori.
- De Rosa, A.S. & Mormino C. (2002). Au confluent de la mémoire sociale: étude sur l'identité nationale et européenne. In S. Laurens & N. Roussiau (Eds.), *La mémoire sociale: identités et représentations sociales* (p. 119-137). Rennes: Les Presses Universitaires de Rennes (PUR).
- Douglas, M. (1989). *Quand pensent les institutions*. Paris: Usher.

- Edwards, D. & Middleton, D. (1986). Joint remembering: constructing an account of shared experience through conversational discourse. *Discourse processes*, 9, 3-19.
- Edwards, D. & Middleton, D. (1990). *Collective remembering*. Londres: Sage Publications.
- Esposito, E. (2001). *La memoria sociale: mezzi per comunicare e mezzi per dimenticare*. Bari: Laterza.
- Fentress, J. E. & Wickam, C. (1992). *Social memory*. Cambridge: Blackwell.
- Finkenauer, C., Gisle, L. & Luminet, O. (1997). When individual memories are socially shaped Flashbulb memories of socio-political events. In J.W. Pennabeker, D. Paez & B. Rimé (Eds.), *Collective memory of political events: social psychological perspectives* (p. 191-207). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Finkenauer, C., Luminet, O., Gisle, L., El-Ahmadi, A., Van der Linden, M. & Phillipot, P. (1998). Flashbulb memories and the underlying mechanism of their formation: toward an emotional-integrative model. *Memory and Cognition*, 26, 516-531.
- Finkenauer, C., Gisle, L. & Luminet, O. (2000). Quando I ricordi individuali sono modellati socialmente: ricordi flashbulb di eventi sociopolitici. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 169-189). Napoli: Liguori.
- Halbawachs, M. (1925). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Alcan.
- Halbawachs, M. (1950). *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jedlowski, P. (2000). La sociologia e la memoria collettiva. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.) *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 71-82). Napoli: Liguori.
- Jodelet, D. (1982). Les representations socio-spatiales de la ville. In P.H. Derycke (Eds.), *Conceptions de l'espace*. Paris: Université de Paris X.
- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse: le côté morale et affectif de l'histoire, *Bulletin de Psychologie*, 405 (45), 259-256.
- Larsen, S.F. (1992). Potential flashbulbs: memories for ordinary news as the baseline. In E. Winograd & U. Neisser (Eds.), *Affect and accuracy in recall: studies of 'flashbulb' memories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Larsen, S.F. (1988). Remembering without experiencing: memory for reported events. In U. Neisser & E. Winograd (Eds.), *Remembering reconsidered: ecological and transitional approaches to the study of memory* (p. 326-355). Cambridge: Cambridge University Press.
- Luhmann, N. (1995). *Die realität der massmedien*. Westdeutscher: Opladen.
- Luhmann, N. & De Giorgi, R. (1992). *Teoria della società*. Milano: Franco Angeli.
- McCloskey, M., Wible, C.G. & Cohen, N.J. (1988). Is there a special flashbulb-memory mecha-

- nism? *Journal of Experimental Psychology*, 117, 171-181.
- Middleton, D. & Edwards, D. (1990). *Collective Remembering*. London: Sage.
- Mitchell, W.J.T. (1986). *Iconology: image, text, ideology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Minnini, G. (2000). Come il discorso crea, la memoria conserva. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 251-269). Napoli: Liguori.
- Moliner, P. (1996). *Images et représentations sociales*. Grenoble: PUG.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse: son image et son public*. Paris: P.U.F. (Originalmente publicado em 1961).
- Moscovici, S. (1981). *L'age des foules*. Paris: Fayard.
- Moscovici, S. (1983). La révolution iconique. *La recherche*, 144, 569-570.
- Moscovici, S. & Vignaux, G. (1994). Le concept de thématas. In C. Guimelli (Ed.), *Structure et transformations des représentations sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Neisser, U. (1978). Memory: what are the important questions? In M. M. Gruneberg, P.E. Morris & R.N. Sykes (Eds.), *Practical aspects of memory*. (p. 3-24.) London: Academic Press.
- Neisser, U. & Harsch, N. (1993). Phantom flashbulbs: false reflections of hearing the news about challenger. In E. Winograd & U. Neisser (Eds.), *Affect and accuracy in recall: studies in flashbulb memories* (p. 9-31). Cambridge: Cambridge university Press.
- Neisser, U., Winograd, E. & Weldon, M.S. (1991, November). Remembering the earthquake: 'What I experienced?' vs 'How I heard the news?' Paper presented at the *General Meeting of the Psychonomic Society*.
- Oliverio, A. (1994). *Ricordi individuali, memorie collettive*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi.
- Pennebaker, J.W. & Crow, D.M. (2000). Ricordi collettivi: L'evoluzione e la persistenza della storia. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (p. 113-138). Napoli: Liguori.
- Pennebaker, J.W., Paez, D. & Rimé, B. (Eds.) (1997). *Collective memory of political events: social psychological perspectives*. Mahawah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pillemer, D.B. (1984). Flashbulb memories of the assassination attempt on President Reagan. *Cognition*, 16, 63-80.
- Rimé, B., Mesquita, B., Phillipot, P. & Boca, S. (1991). Beyond the emotional event: six studies on the social sharing of emotion. *Cognition and Emotion*, 5, 435-465.
- Rimé, B., Phillipot, P., Boca, S. & Mesquita, B. (1992). Long-lasting cognitive and social consequences of emotion: social sharing and rumination. In W. Stroebe & M. Hewstone

- (Eds.), *European Review of Social Psychology* (vol. 1, p. 225-258). Chichester: Wiley.
- Rossi, P. (1983). *Clavis Universalis: arti della memoria e logica combinatoria da Lullo a Leibnitz*. Bologna: Il Mulino.
- Rouquette, M.L. (1988). *La psychologie politique*. Paris: P.U.F.
- Rouquette, M.L. (1994). *Sur la connaissance des masse*. Grenoble: Presses Universitaire de Grenoble.
- Ruiz-Vargas, M. (1993). Como recuerda usted la noticia del 23-F? Naturaleza y mecanismos de los 'ricuerdos-destello'. *Revista de Psicologia Social*, 8, 17-95.
- Sá, C.P. & Vala, J. (2000). La memoria collettiva e il quinto centenario della scoperta del Brasile. In G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.), *Tracce: studi sulla memoria collettiva*, (p. 375-394). Napoli: Liguori.
- Saxl, F. (1957). *Lectures*, (B. Laterza, Trad.). London: The Warzburg Institute.
- Seca, J.M. (2001). *Les représentations sociales*. Paris: Colin.
- Viaud, J. (2002). Contribution à l'actualisation de la notion de mémoire collective. In S. Laurens & N. Roussiau (Eds.), *La mémoire sociale: identités et représentations sociales* (p. 15-32). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Vygotsky, L.S. (1992). *Mislenie I re* (L. Mecacci, B. Laterza, Trad.). Mosca.
- Winograd, E. & Killinger, W.A. (1983). Relating age at encoding in early childhood to adult recall: development of flashbulb memories. *Journal of Experimental psychology*, 112, 413-422.
- Yates, F. (1966). *L'art de la mémoire*. Paris: Gallimard.

Notas

- 1 Annamaria Silvana de Rosa: European Ph.D. on Social Representations and Communication Research Centre and Multimedia Lab., University of Rome "La Sapienza", Piazza D'Ara Coeli, 1 - 00186 - Rome, Italy.
Email annamaria.derosa@uniroma1.it
- 2 Conforme De Rosa, A.S., Bigazzi, S. & Bocci, E. *Iconic representations, emotional impact and construction of the social memory about September 11*, 2001, em de Rosa (2002).
- 3 Ver referências citadas em De Rosa e Farr, 2001: *The insane and insanity* (De Rosa, 1987, 1990) em uma perspectiva intercultural (De Rosa & Schurmans, 1990); *Radioactivity* (Galli & Nigro, 1990); *Handicaps* (Farr, 1994); *History seen by children* (Uzzell & Blud, 1993); *Earth and the moon beginning with a new perspective produced by the Apollo 11*

astronauts (Farr, 1998); a minuciosa reprodução de um dia de trabalho na vida de um gerente lidando com o tempo e tarefas através de uma “videocâmara pessoal” presa aos seus óculos (Lahlou, 2000); ou aquela baseada em uma reconstrução psicologicamente e socialmente significativa de mapas da cidade (Milgram & Jodelet, 1976; De Rosa, 1997; Haas, 1997; Haas & Jodelet, 1999): *Artistic Production* (Ullan, 1995); *Benetton’s controversial advertising* (De Rosa, 1998, 2001). Ver em De Rosa, 2002: *Biogenetics and dolly the sheep* (Allendstor, 2002).

- 4 FB = iniciais para *flashbulb*. (N.T.)
- 5 FBM = iniciais para *flashbulb memories* (memórias *flash*). (N.T.)
- 6 O número total de sujeitos (522) que globalmente participaram da coleta de dados é mais elevado se comparado aos 433 sujeitos que participaram das sessões de linguagem fotográfica. Isto se dá porque, de acordo com o plano multimetodológico de pesquisa, limitamos as séries de tempo de coleta de dados para alguns dos instrumentos preparados para a primeira administração das técnicas (outubro 2001).
- 7 Os resultados decorrentes do questionário da FBM aqui apresentados dizem respeito somente às seguintes questões:
 Pergunta 1: Descreva a imagem dos ataques ao World Trade Center e/ou ao Pentágono que lhe causou/causaram a impressão mais forte.
 Pergunta 5: Que outras imagens relativas ao acontecimento lhe vêm à mente? Ao longo de cada posição coloque um sinal, +, - ou 0, para representar o peso positivo, negativo ou neutro que esta memória tem para você.
 1._____, 2._____, 3._____.
 Pergunta 6: De qual imagem, acima de todas as demais, você gostaria de esquecer? Por quê?
- 8 A “linguagem fotográfica” por grupo focal incluiu várias tarefas de negociação de consenso (consenso/dissensão) a fim de:
 - escolher as cinco imagens que tiveram o maior efeito sobre os membros dos grupos;
 - indicar para cada um as emoções sentidas e sua intensidade (em uma escala de 1 a 5 pontos);
 - sinalizar as razões que motivaram a escolha, os elementos de afinidade e dissonância na negociação de um consenso sobre as emoções sentidas diante das imagens;
 - sinalizar as razões que levaram à exclusão de outras imagens.
- 9 Após a organização dos grupos e a distribuição dos dossiês com as imagens, as instru-

ções foram as seguintes:

- Você tem 10 minutos para examinar o dossiê e outros 10 minutos para escolher as imagens que mais o afetam;
 - Discuta e escolha as 5 imagens mais representativas do acontecimento, indicando-as com um adesivo colorido. Anote no adesivo o número da página e o número de importância (de 1 = a mais importante até 5 = a menos importante) para seu grupo.
 - Escreva nesta página as cinco imagens selecionadas, dê um nome a cada uma delas e marque também o número da página no dossiê.
- 10 Toda a discussão entre os grupos foi transcrita para análise da argumentação em torno da eleição/rejeição das imagens.
- 11 Ver Simpósio organizado por De Rosa (2002, junho) sobre *Memória social e impacto emocional diante de eventos coletivos traumáticos: 11 de setembro*. Conferencistas convidados:
- J. Pennebaker & M. Mehl: The Social Dynamics of a Cultural Upheaval;
 - B. Rimé: Terrorist attacks of September 11th: the cognitive and social impact of a collective trauma;
 - G. Bellelli, A. Curci & G. Leone: Cognitive, emotional and social determinants of collective memories;
 - J. Laszlo, B. Ehmann & O. Vincze: Changes in the historical memory after the WTC attack: the case of the Afghanisthan war;
 - S. De Rosa, S. Bigazzi & E. Bocci: *Forget - never forget*: emotional impact, iconic representational systems and social memory, in the reconstruction of the day who dramatically changed the personal and global risk perception;
 - Curci (Italy): Flashbulb memories for the terroristic attack to WTC.
- 12 Ver Simpósio organizado por De Rosa (2002, setembro) sobre *Sociedades pensantes: senso comum e comunicação*. Conferencistas convidados:
- J. Jesulno, in co-operation with A. De Rosa & P. Verges: Symbolic generalised media in a critical transitory phase: the change to the European currency system;
 - A. Allansdottir: Imaginary and scientific discourse about Dolly the sheep;
 - B. Orfali: La tempête de 1999: représentations sociale d'un événement extraordinaire;
 - P. Lalli: Media and war events: the influence of media information on Kosovo war;
 - De Rosa, S. Bigazzi, E. Bocci: Iconic representations, emotional impact and construction of the social memory about September 11, 2001.